

VIVA SÃO JOÃO! Festa e sociabilidades nas comemorações em Cruz das Almas-BA

Adriana da Silva Oliveira¹

Resumo: As características que fazem agrupar os múltiplos segmentos sociais constituí-los dentro de um espaço, identificá-lo com elementos afins definem festa como possibilidade de reflexão pautada através de redes de sociabilidades, onde podem ser encontrados ou criados subsídios de representatividades e identidades que compõem um quadro sobre ações e experiências dos sujeitos históricos através de sua cultura e vivenciados no cotidiano desses indivíduos, e como estes constroem suas relações e histórias. A partir dessas concepções procuro identificar o sentido de festejar construído no São João da cidade de Cruz das Almas - BA a partir das experiências e tensões vividas nesse festejo junino, que tem a “guerra de espadas”, como um dos principais elementos festivos, possibilitando definir para o campo das relações análises que apontam para a re-atualização de experiências para os diversos grupamentos sociais existente no festejo.

Palavras-Chave: sociabilidade, experiência, festa.

Entendendo que um objeto, ou uma manifestação que é apropriada, veiculada e experimentada, tornando por vezes regra no cotidiano de uma sociedade, fazendo-se por ocasiões representar como seu rotulo, seu referencial adquire certa amplitude e projetam-se como experiências cotidianas para sociedades. Cruz das Almas - BA, a partir das festividades de São João, tornou-se conhecida por esta manifestação cultural que envolve seus moradores em uma atmosfera de mobilização para o festejo junino, transformando por ocasião os festejos juninos no município uma festa agregadora de sentidos e experiências de vida, tanto nos seus hábitos particulares quanto coletivos.

O estudo sobre festas a partir de uma abordagem centrada da temática, que abrange estudos da cultura popular e possibilita a aproximação com as relações construídas pelos sujeitos e os festejos, nessa perspectiva revela a cultura a partir de diferentes óticas e atores sociais. Traduzidas sobre diferenciadas perspectivas, estas festas se realizam em diversos locais do país, com suas práticas diferenciadas, tal como pontua Martha Abreu, “a festa popular, tornava-se o local da criação do povo”². Os estudos sobre festas então alicerçado por uma necessidade que a historiografia tinha de identificar elementos pertencentes a ações dos homens que não remetesse apenas as práticas do cotidiano relacionado ao trabalho, a política, dentre outras temáticas então preferencialmente eleitas pelos historiadores.

Por muitos anos os estudos dedicados às festas eram especialmente observados em trabalhos de folcloristas e etnógrafos, que as abordavam como costumes de práticas nacionais sem problematizar as peculiaridade e construções históricas dos festejos, “as festas emergem,

assim, como lema dos estudos letrados, entre nós articulados aos conceitos de tradição e da cultura popular”³. Nessa direção, Melo Morais Filho foi um dos autores que também buscou elencar algumas manifestações que considerava como representativos dessas festividades no Brasil; em sua obra *Festa e Tradições Populares no Brasil*, publicada em 1901, elegeu uma gama de comemorações que ele aborda em subdivisões como *Festas Populares*, *Festas religiosas*, *Tradições e Tipos de Rua*, cujas comemorações são realizadas em diversas localidades do Brasil, com temas variados que vão desde o Ano Novo, Carnaval, Natal, São João, Reis, etc. Essas manifestações festivas elencadas pelo autor se vinculariam a experiências que denotassem o caráter nacional, que expressariam hábitos e comemorações das camadas populares da sociedade brasileira.

Paulatinamente as festas se tornariam campos de estudo que tinham como principal abordagem o lado lúdico associado a uma ruptura de hábitos do cotidiano na vida social dos grupos humanos, que faziam das festividades momentos da quebra da rotina, das labutas diárias, as festas seriam também palco de sociabilidades, encontros para o divertimento, devoções e acima de tudo uma rede de proximidades entre diferenciados grupos sociais.

No Brasil alguns historiadores elegeram a temática da festa como seus objetos de estudo, estes concebidos por uma variada gama de celebrações que oportunizaram a interpretação de muitas ações praticadas por diversos grupos sociais, que tem como palco as comemorações como referência de vida. Podemos tomar como referências algumas obras que se dedicaram a estudar o Carnaval como palco de relações sociais mais visibilizados no estudo das festas no Brasil, a historiadora Maria Clementina elege o tema para compor suas interpretações acerca das tensões e conflitos existentes nas folias carnavalescas. Para a autora as festas “longe de construírem ocasiões dotadas de alguma espécie de herança imemorial, elas tem significados mutantes e polissêmicos capazes de expressar a mudanças e o movimento”⁴. Pautada nas relações de dicotomias existentes nas festividades, estas proporcionariam um revelar das ações dos sujeitos sociais vinculados aos conflitos e interações das sociedades.

Tomando o tema festa como palco das ações de insatisfações e alternativas para o ordenamento social Mary Del Priore também a elegeu como temática de estudo, através da perspectiva que se alicerçava na noção de mentalidade, propõem em *Festas e Utopias do Brasil Colonial*⁵, os variados significados que festejar vai ter para distintos grupos que

compunham o Brasil na época da colonização, a festa relacionada com utopias seriam os projetos idealizados como alternativa na ordem social vigente.

Atribuindo de uma concepção que procurava pensar a festa como campo de interações sociais que não se restringe especificamente a tomar festejos como espaços de diferenciação entre cotidianos ordenados e inversão social, Martha Abreu pontua que as “festas religiosas emergiram de um estudo de história cultural como um local privilegiado para se pensar o exercício da religiosidade popular e suas relações dinâmicas, criativas e políticas com os diferentes segmentos da sociedade”⁶, trazendo a luz uma perspectiva que coloca as relações da coletividade como oportunidade de interpretação que traduza além das continuidades e permanências encontradas nestas manifestações, as relações que são constantemente dinamizadas e construídas através das relações de trocas, tensões e sociabilidades reveladas nas manifestações festivas.

Esta abordagem se apresenta bastante pertinente por levar em consideração que ao elegermos festa como temática tem-se que considerar suas nuances e pluralidades, estar atento para não tomar o objeto como uma proposta estática que não apresenta uma múltipla e complexa rede de relações e experiências construídas e partilhadas pelos sujeitos que dão vida as festividades.

Nas incursões para localizar temáticas e referência que se alinhasse ao tema de estudo aqui apresentado, festa de São João, a limitada bibliografia restringiu um diálogo mais próximo a autores que estudasse o tema, o mais recorrente se encontra em áreas próximas a história como a antropologia, nesse campo de estudo pode ser identificado o trabalho de Luciana Chianca⁷ que aborda os festejos de São João na cidade de Natal-RN, estuda a festa na cidade a partir de sua ressignificação ao longo do século XX pelos sujeitos que remodelam suas práticas por vezes se distanciando das imposições eclesiásticas católicas reinventando novas formas comemorativas, destaca que o “calendário festivo dedicado aos santos é marcado por momentos alternados de devoção e diversão, com predominância circunstancial de um ou outro aspecto conforme o momento histórico e a experiência pessoal de cada ator/situação”⁸. Esta interpretação permite lançar uma similaridade com os festejos realizados em Cruz das Almas, devido à identificação de elementos que se aproximam das práticas localizadas em Natal, esse distanciamento de molde dogmático impostos pela hierarquia

religiosa, acaba tendo certo desvio, e sendo criados e adaptados novos moldes e formas de comemorar o santo, desvinculado exclusivamente ao lado religioso da festa.

Esta postura dos sujeitos que se apropriam da festa e a recriam sobre moldes que são pertinentes as suas experiências de vida, onde os lugares e práticas sociais são alterados, as faces do religioso e lúdico convergem para dar uma nova expressão aos festejos e parece ser uma característica peculiar dos festejos de São João em muitos lugares do Brasil. O estudo do São João pelo historiador João Carlos de Souza, em Corumbá-RS estabelece essa concepção, e apontam para uma posição em que os participantes da festa se distanciam das imposições católicas e afluem para mudanças estabelecidas na autonomia dos brincantes da festa, o autor aponta que “apesar de "cristianizada", a festa de São João manteve uma série de simbolismos universais, que, no contexto da região pantaneira, ganharam força, adquirindo elementos autônomos em relação às festas institucionalizadas pela Igreja Católica⁹”.

No leque e possibilidades que a historiografia descortina a memória dos variados sujeitos que compõem a festa se destaca com possibilidade de leituras das comemorações e demonstram as variadas facetas produzidas no processo de transmissão e realização dos festejos juninos na cidade. Como aponta a senhora Maria Moura, 74 anos participantes dos festejos juninos na cidade em depoimento oral:

Ah o São João da minha infância menina era ver as espadas, era muito... todo mundo ia nas casas, todo mundo saia nas casas bebendo licor, e a gente fazia um forrozinho dentro de casa, aqui mesmo eu já fiz forro aqui dentro de casa, em noite de São João, mais quando vêm esses mascarados essa cara com capu não quer tirar, não quer tirar aí fica difícil pra gente fazer uma festa de São João né? Mais eu fazia muita festa de São João assim, muita, muita¹⁰.

Podemos identificar a partir do depoimento de D. Maria Moura que nos festejos juninos realizados em Cruz das Almas pode-se identificar uma teia de relações que são em determinadas ocasiões convergentes e outras divergentes, mas que desenham como resultado uma espécie de identidade para alguns moradores da cidade e para os sujeitos que compõem a manifestação, conhecida pelo seu famoso São João.

Este festejo se transforma em um dos principais rótulos para o município, assim é importante salientar neste texto que embora essa visibilidade seja aparente, é necessário refletir acerca das muitas tensões existentes nesse cotidiano, a mobilização existente para que os festejos com as espadas aconteçam, bem como a transformação que o município passa

antes e durante o período junino, bem como as redes de sociabilidade que são construídas em prol da festa, como aponta E. P. Thompson:

Não podemos nos esquecer que “cultura” é um termo emaranhado, que, ao reunir tantas atividades e atributos em um só feixe, pode na verdade confundir ou ocultar distinções que precisam ser feitas. Será necessário desfazer o feixe e examinar com mais cuidado os seus componentes: ritos, modos simbólicos, os atributos culturais da hegemonia, a transmissão dos costumes de geração para geração, e o desenvolvimento dos costumes sob formas historicamente específicas das relações sociais¹¹.

A partir de perspectivas lançada por Thompson compreendemos as diferenciadas redes de sociabilidades que essa festa congrega, ou melhor, cria, identificar os momentos de convergência aonde seus participantes tomam o período da festa como possibilidade de lazer e devoção, em oposição encontra-se também formadas outras teias sociais que se mobilizam para legitimar seus direitos de ocupação de espaços e não aceitação da manifestação.

A festa de São João na cidade está inserida dentro de uma gama de simbologias e identificações, que podem ser percebidas sob óticas diferentes, a partir da concepção que cada brincante/observador tem a respeito da festa. Comemorar significa reviver de forma coletiva a memória de um acontecimento (...), a sacralização dos grandes valores e ideais de uma comunidade constituindo-se no objetivo principal¹². Desta forma, o fazer parte, está envolvido é muito mais do que se caracterizar e participar remete toda uma criação, uma legitimação tanto social quanto cultural que dá sentido ao sujeito que a faz. Os fabricantes das espadas – fogos de artifício característicos nas brincadeiras de São João da cidade - assim constroem uma rede de sociabilidade que se enquadram na perspectiva da mobilização de produção e venda do artefato, os espadeiros¹³ no envolvimento do uso do artefato, e os moradores na apreciação ou na reprovação das espadas.

A confecção das espadas que se torna o elemento peculiar dos festejos juninos era feita inicialmente de forma artesanal e familiar, envolvendo, sobretudo, a participação do grupo de pequenas comunidades rurais que apenas o fazia para diversões pessoais ou para pequenos grupos, traduzindo desta forma a dimensão que se estabelecia entre a prática e o saber fazer. Desta forma, vivenciar a experiência da confecção e queima das espadas define singularidades que conduzem e influenciam as transformações e permanências. Como aponta o Senhor Raimundo Neves a respeito da transmissão da tradição da fabricação dos fogos:

Eu passei a ter conhecimento de fogos com um vizinho na Rua Rio Branco, chamada antiga Estrada de Ferro, com Teotônio fogueteiro, coisa de cem

anos atrás, então naquela época bem poucos tinham preferência por espadas, era mais coriscão e busca-pé espada era feita mais de encomenda para mulheres, moçinhas que gostavam de espadas, aí começamos isso, seguimos em frente¹⁴.

Fazer espadas, tocar espadas torna-se sinônimo de identificação cultural para a alguns moradores de Cruz das Almas. Ano após ano pode ser identificado o crescente número de espadeiros, e locais de comercialização das espadas, sendo que a dinâmica na ordem econômica vai suplantando as tradições culturais e os antigos costumes. Viver o momento da festa é fazer parte de uma construção simbólica que permite aos participantes da mesma a legitimação desta, independente das causas e conseqüências que esta possa oferecer.

Esta forma de festejar motivados por dinâmicas sociais diversas são mobilizadas por variadas intencionalidades e ações que atualizados todos os anos constroem relações de vida, de partilha, costumeiramente praticada a festa de São João na cidade de Cruz das Almas cria e recria laços e definições que se re-atualizam fazendo emergir por vezes novos elementos culturais, como as transformações na forma de fabricar os fogos de artifício, a exclusão de outros, ou até mesmo o ressurgimentos de características anteriormente abandonados e que voltam a expressar o modo de festejar dos sujeitos.

Festa e sociabilidade: experiências e transmissão de conhecimento.

Os indivíduos que fazem parte das “categorias” de produção são os responsáveis para que elemento festivo denominado “guerra de espadas” seja concretizado em Cruz das Almas, esses sujeitos que fazem parte dos diversos segmentos sociais, profissões, etc. se concentram nos períodos que se antecedem o São João bem como no período da festa para dar vida àquilo que vai ser o ponto culminante do festejo, a “guerra”. Mas para que isto aconteça é necessário que se estabeleça uma dedicação e transformação no cotidiano desses indivíduos, podendo até certas vezes transformar sua função enquanto profissional.

Muitos exemplos podem ser tomados como representativos dessa teia de relações que fazem interagir experiências de vida, propriedade de um saber, os fabricantes das espadas em sua habitual produção se concentram não apenas na questão fabril, mas, sobretudo no partilhar do dia-a-dia, nos momentos em que se reúnem para a perigosa rotina da colheita de materiais e para da produção de artefatos, na fabricação destes, nos perigos partilhados em incidentes que por vezes podem ocasionar danos a vida deles.

A repercussão que a Guerra de Espadas no São João da cidade garantiu por quase um século a sua execução, desde as antigas brincadeiras com busca-pés e posteriormente a fabricação em massa deste artefato transformado em espadas, no entanto ela não acontece apenas em função disso. Para a sua realização, é necessário que a motivação de festejar, o ofício de espadeiro, a confecção e também o tocar espadas seja passado, não importando se isso aconteça em âmbito público ou privado, ele é transmitido de forma que a cada ano outras pessoas aprendam e possam dar continuidade a essa tradição. As gerações são preparadas para serem os novos fabricantes-espadeiros, aqueles detentores do saber, tocá-las, apresentá-las. “A sociabilidade comunitária permite o nascimento da tradição, em que o coletivo e o individual se fundem, dando origem ao fundo anímico comum, capaz de ser transmissível às futuras gerações”¹⁵.

Desta forma, esse passar, dar continuidade, está imbricado com uma identidade que esses sujeitos históricos legitimam e defendem. Defender no sentido de corroborar a manifestação, defendendo a sua existência, de forma que representatividade seja acolhida como elemento característico do município.

Pode-se, por exemplo, perceber na fala do senhor Pascoal, homem que passou toda sua vida presenciando esta manifestação, suas transformações e visões diferenciadas dadas pela sociedade:

Minha fia eu não vou te ensinar como é que faz não, porque você é uma moça e não pode mexer com essas coisas não. Desde minha meninice é que eu vejo essas espadas, desde quando eu morava lá perto da Mata, a Mata era isso tudo aqui. Vinha até perto daqui onde eu moro hoje¹⁶.

Quando perguntado se ele fabricava as espadas confirma que sim, mas que nunca se arriscava, em ir para o meio delas.

Eu sempre fiz as bichas, a gente ia pegava o barro, a pólvora e o bambu... Mais eu não vou ensinar pra você como é que faz não, porque é muito perigoso. Eu não ensino ninguém mais a fazer. Eu era moço, aquela praça lá ficava cheia, era só de brincadeira, hoje esse povo que não tem ciência das coisa, faz tudo como quer... antes era só de brincadeira de São João...¹⁷

Assim é perceptível na fala de seu Pascoal a sua participação na festa, como ele descreve o seu desenrolar, o depoimento deste senhor faz remeter a sua visão a respeito da Guerra de Espadas em momentos diferenciados. Interessante aqui é quando ele cita “*antes era só de brincadeira*”, demonstrando mudanças pela qual a Guerra de Espadas passou durante o tempo. Neste sentido Alistair Tomson aponta que:

Experiências novas ampliam constantemente as imagens antigas e no final exigem e geram novas formas de compreensão. A memória gira em torno do passado-presente, e envolve um processo contínuo de reconstrução e transformação das experiências lembradas, em função das mudanças nos relatos públicos sobre o passado. Que memórias escolhemos para recordar e relatar(...), e como damos sentido a elas são coisas que mudam com o passar do tempo¹⁸.

Como em toda transformação de grandes impactos, as circunstâncias que acabam sendo ocasionadas na festa de São João de Cruz das Almas também trazem polarizações e dicotomias, hoje há um grande distanciamento das antigas “formas de fazer” a festa, muitas pessoas inexperientes se apropriam da fabricação das espadas de forma a arriscar suas vidas e de outros.

Outra questão que chamou atenção neste depoimento foi à menção que o depoente faz a todo o momento a respeito de não ensinar a fazer as espadas. Quando iniciada a entrevista ele se mostrou um pouco com receio de fazê-la, pensando que o objetivo era aprender a fazer as espadas. Nota-se neste sentido a preocupação que o depoente tem, quanto ao respeito da segurança e dos perigos que a Guerra de Espada pode proporcionar a quem queira fazer parte dela. Nessa perspectiva, que colocam culturas características de um local como bem de comercialização em prol de uma dinâmica econômica é que circundam a Guerra de Espadas de Cruz das Almas.

Pensar na Guerra de Espadas na festa de São de Cruz das Almas como uma tradição é perceber os vieses que esta percorre suas dicotomias, suas aprovações e reprovações. Como coloca Hobsbawn: [...] o estudo dessas tradições esclarece bastante as relações humanas com o passado e, por conseguinte, o próprio assunto e ofício do historiador. Isso porque toda tradição inventada, na medida do possível utiliza a história como legitimadora das ações e como cimento da coesão grupal¹⁹.

O envolvimento pessoal e comunitário que a Guerra de Espadas acaba suscitando e, sobretudo a integração social na construção de uma identidade e valorização de uma tradição, constrói uma memória compartilhada e vivenciada da fabricação do artefato, concede a Guerra de Espadas seu caráter agregador e representativo para a sociedade cruzalmense.

Assim perceber as especificidades da comemoração, seus elementos, e, sobretudo a experiências dos sujeitos é possível através desta busca de informações de tempos anteriores. Buscando justamente essas expressões explicitadas na fala de Dona Olga Santos, em entrevista ao jornal A Tarde:

Embora não toque os artefatos, dona Olga Santos é uma das mais profundas conhecedoras do assunto. Aos 86 anos, ela conta que desde pequena é fascinada pelo colorido e beleza das espadas, tendo filhos especialistas na fabricação. *“É tudo muito bonito, vem gente até de São Paulo para assistir. Acho perigoso, mais a beleza compensa. Para tudo dar certo é preciso dedicação, pois não é qualquer um que obedece a todo o processo de feitura”*, avisa. *“Ainda pequena eu saía correndo para assistir à guerra. Tudo fica iluminado e os meninos ficam envoltos de uma luz, Sempre foi um espetáculo maravilhoso”*, recorda (Jornal A Tarde, 25 de junho de 2003).

Pesar na festa de São João de Cruz das Almas é refletir a vivência dos sujeitos históricos e suas identificações com a manifestação a qual estes fazem parte. Vivida e experimentada todos os anos, a Guerra de Espadas traz consigo muitas representações, simbologias e significados. Demarcando uma linha que caracteriza a história de um município, constrói assim uma espécie de singularidade nos festejos de São João. As festas juninas que normalmente são representadas por fogueiras, balões, forró, em Cruz das Almas têm uma tradução significativa: a Batalha de Espadas. Alicerçada na memória da população, é definida como patrimônio da comunidade e toma proporções maiores a cada ano. Seja pela sua visibilidade, ou por suas conseqüências.

Assim, embora seja uma manifestação de extremo perigo, o zelo e a identificação a torna alvo não apenas da expressão e vivência, a Guerra de Espadas é alvo também de uma crescente dinâmica econômica que transforma a cidade no mês de Junho como um referencial turístico. Englobando assim, uma espécie de depreciação das características locais e se expandido pra a apropriação e popularização.

As particularidades que antes eram vivenciadas pela população, hoje sejam obrigadas a ser divididas com os milhares de turistas que superlotam a cidade. Concebendo a Guerra apenas como excêntrica, curiosa, dentre outras conotações do gênero. Os laços de proximidade que antes eram demarcados pelas relações de vizinhança, parentesco ou amizade, são paulatinamente se estreitando pela influencia e interferência de sujeitos outros que apenas consideram a manifestação como entretenimento, ou espetáculo excêntrico ou exótico.

As tensões do cotidiano que os moradores de Cruz das Almas travam para que sua manifestação cultural seja validada como elemento aglutinador de identidades, laços de sociabilidade permitem traçar uma pequena análise das relações desenvolvidas pelos moradores da cidade em seus diferenciados aspectos, funções e pontos de vista. Embora a Guerra de Espadas no São João da cidade tenha sofrido muitas transformações ao longo do tempo, apesar de ser sem sombra de dúvidas uma forma arriscada de comemorar o São João, possui ainda elementos culturais de extrema importância na construção histórica e identitária

da cidade. O termo tradição utilizado até mesmo pelos próprios moradores, para designar a importância da manifestação, proporciona assim a perpetuação da expressão cultural cruzalmense, que ainda é vivenciada e mantida viva na memória individual e coletiva da comunidade.

A festa com suas dinamicidades apresentam diferentes e múltiplos sentidos identificados nas ações de seus participantes, as práticas do cotidiano imbricam-se sintetizando os múltiplos elementos nos hábitos de vida.

Notas

¹ Adriana da Silva Oliveira.. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus V Santo Antonio de Jesus. Orientador: Prof. Dr. Gilmário Moreira Brito. Bolsista da CAPES. E-mail: adriana_iso@hotmail.com.

² ABREU, Martha. Festas e Cultura Popular na Formação do “Povo Brasileiro”. Projeto História, São Paulo, (16), fevereiro de 1998.

³ ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. Festas pra que te quero: por uma historiografia do festejar. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.7, n.1, p. 134-150, jun. 2011.

⁴ CUNHA, Maria Clementina Pereira. Ecos da folia. Uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920. São Paulo: Companhia das Letras, 2001; Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, CECULT, 2002.

⁵ DEL PRIORE, Mary Lucy. Festas e Utopias no Brasil Colonial. São Paulo, Brasiliense, 2000.

⁶ ABREU, Martha. O Império do Divino – Festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro (1830-1900). Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000, p. 37.

⁷ CHIANCA, Luciana. Devoção e diversão: Expressões contemporâneas de festas e santos católicos. Revista Antropológicas, ano 11, volume 18(2): 49-74 (2007).

⁸ Ibid, p.51.

⁹ SOUZA, João Carlos de. O caráter religioso e profano das festas populares: Corumbá, passagem do século XIX para o XX. In. Rev. Bras. Hist. V.24 n. 48 São Paulo 2004.

¹⁰ Maria Moura. 75 anos Costureira. Entrevista realizada em 19/05/2011, Cruz das Almas - BA.

¹¹ TOMPSON, E. P. Costumes em comum. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 22.

¹² SILVA, Helenice Rodrigues da. UMA NOVA ABORDAGEM DA MEMÓRIA PELA HISTÓRIA. Revista Brasileira de História v. 22 n.44 São Paulo 2002.

¹³ Nome dado ao fabricante do artefato, ou ao sujeito que faz apenas uso através da compra deste.

¹⁴ Raimundo Ferreira Neves. Fogueteiro/Espadeiro. Entrevista realizada em 23/01/2012, Cruz das Almas - BA.

¹⁵ DIEL, Astor Antônio. Cultura Historiográfica: Memória, Identidade e Representação. Baur, SP: EDESC, 2002.

¹⁶ Pascoal Passos da Purificação, 95 anos, jardineiro. 13 de fevereiro de 2008, na cidade de Cruz das Almas - BA.

¹⁷ Ibidem.

¹⁸ TOMSON, Alistair. Reconstituo a Memória: Questões sobre a relação entre História Oral e as memórias. Proj. História, São Paulo (15). Abril 1997.

¹⁹ HOBBSAWN, Eric. *A invenção das tradições*. In: HOBBSAWN, Eric & RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.